

O CASTELO DO LOUCO

Tiago Videira



Ilustrações de
Ana Margarida Godinho

FICHA TÉCNICA

Edição: Vírgula (Chancela do Sítio do Livro)

Título: O Castelo do Louco

Autor: Tiago Videira

Capa: Sítio do Livro

Imagem da Capa: Tiago Videira

Ilustrações: Ana Margarida Godinho

1.^a Edição

Lisboa, 2010

Impressão e acabamentos: Agapex

Depósito legal: 304029/09

ISBN: 978-989-20-1854-6

© Tiago Videira

Publicação e Comercialização

Sítio do Livro, Lda.

Lg. Machado de Assis, lote 2 — C

1700-116 Lisboa

www.sitiodolivro.pt

*De Sábio e de Louco,
Todos temos um pouco...*

I

O Castelo do Louco

O Louco era um daqueles rapazes solitários, que se auto proclamava de génio, e procurava sobressair em tudo aquilo que fazia, mesmo que o que fizesse fosse algo próximo do limite de uma função quando tende para zero. Refugiava-se noites a fio no seu quarto, para fugir do sol, e sentava-se ao computador a escrever linhas desenfreadas de prosa sem sentido, ou então, com um sentido que só ele conseguia entender. Dizem que fazia isso para espantar a solidão de um coração desesperado que não conseguia comunicar nem ligar-se a alguém e, assim, os parágrafos, que depois escorriam por tudo quanto era sítio, eram a sua forma de se perpetuar no mundo.

O Louco tinha também alguns *fetiches* existenciais quando o sol desaparecia durante o dia. Nos dias de bátegas violentas gostava de fugir por Lisboa fora, atravessar o barco até Cacilhas, e rumar pelo ginjal. Ali, nos barracões abandonados, montava o seu castelo num cenário aparentemente aterrador: a massa negra das águas do Tejo, pútrida e odorante, atirava-se contra o esguio cais e as lâminas de chuva fustigavam os decrepitos tijolos que ainda ali resistiam e ele encafuava-se nos armazéns e mirava a silhueta de Lisboa por entre as grades. Por vezes não resistia a tirar fotografias degradadas, em posições duvidosas, ou então simplesmente ficar a meditar sobre traças calcinadas pela manhã. Raramente lhe dava a fome mas quando apertava havia ali um restaurante brasileiro, perdido a dois passos, que lhe servia de guarida e por uns bons trocados deliciava-se a degustar cogumelos salteados com alho e um manjar branco a relembrar os peitos de uma qualquer Vénus. O Louco, nessa

altura, ficava sempre saudoso por não ter amor. O seu coração, dizem, ficou gelado desde que sofrera uma traição imperdoável, num Verão distante, e desde então nunca mais fora o mesmo. Há quem saiba que foi mesmo aí que tudo começou, a loucura, o porquê dessa existência nefasta, dessa diarreia verbal, de todo um desconstruir de ideias à velocidade da luz qual Pessoa na noite em que escrevera mais de trinta poemas.

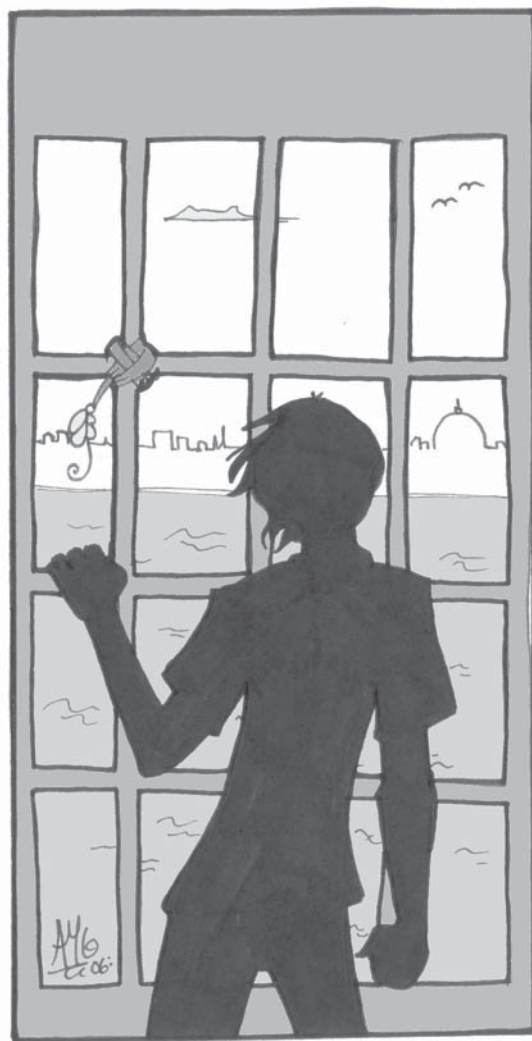
Quando o sol brilha de novo o Louco contorce-se, no seu castelo em ruínas, e é salvo pelo beijo terno de uma apaixonada antiga, mas de terno só mesmo ela porque o Louco, esse, já nada sente e simplesmente se deixa levar. Há quem diga que o Louco não vive, apenas existe, seja lá o que isso for. Depois correm os dois pelo cais fora até ela se atirar ao Tejo e ele ser esmagado por uma nuvem passageira.

Outros dias há em que o Louco gosta de se rebolar pela ponte fora assustando os carros, e os passageiros, provocando tragédias. Depois, enquanto um ou outro anónimo vocifera improperios, ele simplesmente ri-se sarcasticamente e abandona o local, dali para fora, para se entregar a endireitar a relva pisada dos jardins. No final de tão meticuloso trabalho acordava exausto, na sua cama, e repara que o dia já quase passou e está na hora de mais um serão vampírico. Dedicava-se a ir comer qualquer coisa à cozinha e volta para o computador para gastar mais neurónios, luz e linhas, muitas linhas, até nada mais fazer sentido e então tudo fazer sentido pelo pouco sentido que tudo faz.

É então que se apercebe que está preso a uma noite, a uma rotina sem saída, e chora baixinho com medo que alguém o ouça. Pede ajuda a quem não existe e suspira pela piedade dos anjos. Depois, reconhece a sua fraqueza e arma em forte para não deixar que ninguém o conheça.

Naquela manhã, especial, saiu sem dormir, de cabeça levantada e peito erguido, e enfrentou o sol. Enfrentou o mundo. Passava na rua pelas pessoas com um sorriso e quase não se reconhecia. Entrou num autocarro e viu as caras macambúzias de quem se levanta de madrugada para ir trabalhar e não tem razão de viver. Esses, ao verem-no tão altivo e feliz, ficaram admirados e então chamaram-lhe louco. E é por isso que o Louco ainda hoje é louco. Porque anda a contra ciclo, porque se deprime quando todos riem e aplaudem, porque é o rei do mundo quando todos querem o sonho. Mas o Louco não se importa ou finge não se importar. Já está habitado a isso: o vício ganha-se com o vício, com a razão da rotina criada e enraizada na estrutura mental obtida. Assim ele forja o mundo a cada dia que passa e anseia sempre pelo dia em que bâtegas violentas esfaqueiem os tijolos do ginjal e ele possa correr para o seu castelo, esperando a sua apaixonada que ressuscita das águas do Tejo, para onde corre sempre após o beijo dado atrás das grades, com as traças calcinadas como testemunhas.

— *Tiago Videira* —



Bar

do Ing. bar, balcão

s. m.,
estabelecimento particular ou dependência de hotel ou restaurante onde se servem bebidas alcoólicas;

O Louco era um aficcionado da noite, dos bares. Sempre que podia pensava em companhia adequada e gostava de conviver em espaços particulares e diferentes. Depois o conceito era extrapolado. O bar era afinal o seu escape para o convívio. Até para o dia, que fosse. Era apenas o sítio diferente onde podia passar uns bons momentos, ainda que, sem álcool. Por vezes ele próprio gostava de definir o seu sítio diferente, perfeito.

— *Tiago Videira* —
